

Frederico Mourão Bernis

O ESPAÇO INTOCÁVEL



**TRABALHO FINAL DA DISCIPLINA
"ARQUITETURA ALÉM DA TRANSGRESSÃO"
DO CURSO DE MESTRADO EM ARQUITETURA E
URBANISMO DA UFMG.**

**PROFESSOR:
CABRAL**

***Belo Horizonte
Escola de Arquitetura da UFMG
2006***

Apenas um sofá

Prestemos atenção à seguinte cena do filme *Beleza Americana*¹: Lester (personagem interpretado por Kevin Spacey) está sentado de cueca no sofá, descalço e com os pés sobre a mesa de centro quando sua mulher, Carolyn (Anette Benning), entra raivosa pela cozinha, insultando o marido sem ao menos antes lhe dar um “bom dia”. O marido se aproxima da esposa, tentando recriar o clima de romance que há muito tempo já não havia entre os dois. Ele então a abraça no sofá, quase beijando seu rosto, segurando uma garrafa de cerveja em uma das mãos. A partir daí, dá-se o diálogo que serve como ponto de partida para a discussão que se pretende promover aqui:

Carolyn: Cuidado, Lester! Você vai derramar cerveja no sofá...

Lester: E daí? É apenas um sofá.

Carolyn: É um sofá de quatro mil dólares, feito com seda italiana.

Lester: É apenas um sofá! Isso não é a vida. É apenas um objeto! E se tornou mais importante pra você do que viver! Pois bem, querida, isso é simplesmente insano.

Essa cena retrata bem uma importante questão da contemporaneidade que se propõe discutir aqui: a supervalorização das “coisas” em detrimento dos eventos e das pessoas. Carolyn, a esposa de Lester, é um retrato do personagem contemporâneo que coleciona objetos e delega a eles a tarefa de torná-la uma pessoa mais feliz, eximindo-se de culpa e evitando qualquer participação.

É fácil visualizar esse dilema quando olhamos para dentro dos nossos apartamentos de classe média, ou classe média alta, minuciosamente preparados por arquitetos renomados: espaços minimalistas, “clean”, são planejados de forma que a simples presença do homem já seja considerada interferência. São comuns frases do tipo “tira esse pé do sofá”, ou “sala não é lugar de comer”, que derivam do pensamento funcionalista que vem desde Corbusier. Para estes, o quarto serve pra dormir, a cozinha para fritar, a cama para dormir, o

¹ **Beleza Americana** (filme) - Direção: Sam Mendes - Produção: EUA - Ano:1999

sofá para sentar. Cada compartimento com sua função, cada peça do mobiliário com sua utilidade pré-definida, impondo regras de conduta ao morador.

O filho é impedido de brincar na sala, pois poderia, num acidente, quebrar o vaso chinês. O marido excitado agarra a esposa e rola com ela pelo chão do quarto, mas é logo interrompido pois sua ejaculação poderia macular o caríssimo carpete. As “coisas”, os objetos, inviabilizam os eventos imprevistos. A decoração, nesse caso, não aceita a presença humana. Ela é restritiva e desestimula o engajamento do corpo na tarefa de habitar o espaço. O que se busca nesses espaços é um deleite puramente visual. O morador é tolhido e acaba se resignando. Ele é incapaz de sentir-se à vontade em sua própria casa.

Esse cenário já havia sido apontado por Adorno, nas *Minima Moralia*, quando o filósofo alemão compara as novas moradias a “estojos preparados por especialistas para pessoas tacanhas ou instalações produtivas que se extraviaram na esfera do consumo, sem nenhuma relação com quem as habita”². Também Walter Benjamin atenta para o fato de que os novos arquitetos criam “espaços onde não é fácil deixar vestígios”³.

Resultado disso é a apatia cada vez maior do homem em sua relação com o mundo. Desde o momento da substituição do ritual pelo teatro, ressaltada por Pérez-Gomes, até os dias de hoje, dá-se um mesmo processo de evolução da sonolência do corpo que resulta na impassibilidade do homem contemporâneo. Se a premissa do ritual é a participação de todos no evento, no teatro, ao contrário, divide-se a humanidade em dois grupos: palco e platéia. Um que age, outro que simplesmente assiste.

Somos descendentes desse “homem-platéia”, resignados a assistir o que ocorre à nossa volta. Prostrados diante da televisão, ao invés de vivermos uma história de amor, contentamo-nos em assisti-las em novelas. Revoltamo-nos com a agonia do personagem do filme e esquecemos do nosso próprio suplício. Aprendemos a chorar e sorrir com histórias inventadas, vidas virtuais cujos destinos não estão em nossas mãos e abdicamos de interferir no curso de nossa própria história.

² ADORNO, Theodor. *Minima Moralia. Reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1992.

³ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única, Obras escolhidas II*, SP, Ed. Brasiliense, 1993.

Esse processo de gradativo adormecimento do homem, entretanto, se dá automaticamente, sem que seja necessária a intervenção de “forças sinistras” ou “agentes do mal”. De acordo com Flusser, tal situação resulta de um jogo cujas regras foram inicialmente programadas pelos homens, mas que por inércia seu “funcionamento escapa, a partir de um dado momento, ao controle de seus programadores iniciais”⁴.

No caso do foco principal desse texto, a apatia do habitante, podemos questionar, por exemplo, em que momento escapou do homem o motivo inicial que o levou a adornar o espaço de sua moradia. Não teria sido exatamente, num primeiro momento, uma necessidade de “deixar vestígios” e tornar mais pessoal a sua casa, de forma que se sentisse mais à vontade? Não seria a decoração uma resposta à demanda de transformar a casa em lar? Uma maneira de interferir no espaço para que ele se tornasse menos frio, mais aconchegante? Não era uma tentativa de assumir de fato a responsabilidade de habitar?

Pois esse dado, regra inicial do jogo, em algum momento se perdeu, foi totalmente pervertido de maneira que hoje funciona no modo reverso, impedindo o envolvimento real por parte do habitante. A nova decoração, a nova arquitetura, faz do homem um invasor em sua própria casa e requer dele uma postura apática e resignada. Desobrigado de habitar, ele agora apenas assiste.

Isso pode ser amplamente percebido nas famosas exposições de “tendências” arquitetônicas, dentre as quais se destaca a Casa Cor. Nessas exposições, um imóvel é escolhido para que arquitetos e especialistas de “renome” possam interferir com seu trabalho “genial” em compartimentos pré-determinados, pretensamente habitados por figuras fictícias. Temos assim ambientes como o “quarto do jovem aviador”, o “atelier do estilista”, o “gazebo do jardim de inverno”, a “cozinha do escritor” e tantas outras aberrações. Mais importante ainda é a maneira pela qual se dá a visitação de tais espaços: os organizadores da exposição elegem um percurso obrigatório que deverá ser obedecido, de forma que os visitantes, como um rebanho bovino, sejam guiados e passem forçosamente por todos os ambientes da mostra.

O detalhamento minucioso, minimalista, aliado à arrumação meticulosa dos ambientes propagam uma idéia de ordenamento que só parece possível ao

⁴ FLUSSER, Vilém. *Pós-História*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

habitante morto. Os espaços são pensados para não serem habitados. Torneiras sem água, geladeiras desligadas e frutas de cera compõem a cenografia intocável da casa onde não mora ninguém. Não é à toa que nenhuma das fotos de divulgação dos citados ambientes mostre uma única e escassa figura humana. Não: o corpo humano certamente interferiria na “perfeição”, na “limpeza” da imagem. O homem é, nesse caso, sujeira, impureza que mancha a beleza do retrato imaginado pelo especialista genial.

Essa figura do especialista genial, o arquiteto, que assume para si a responsabilidade de tomar decisões que ordenam o futuro dos outros, já havia sido percebida pelo mineiro Carlos Drummond de Andrade em seu poema “Edifício Esplendor”⁵:

Na areia da praia
Oscar risca o projeto.
Salta o edifício
da areia da praia.

No cimento, nem traço
da pena dos homens.
As famílias se fecham
em células estanques.

O elevador sem ternura
expele, absorve
num ranger monótono
substância humana

Entretanto há muito
se acabaram os homens.
Ficaram apenas
tristes moradores.

Transgressão

Percebendo essa situação, a limitação desse tipo de postura, o arquiteto Bernard Tschumi apresenta a transgressão como solução possível:

In themselves, spatial sequences are independent of what happen in them. (Yesterday I cooked in the bedroom and slept in the kitchen.) They may coincide for a shorter or longer period. As sequences of events do not depend on spatial sequence (and vice-versa), both can form independent sequences, with their own implicit scheme of parts.⁶

⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

⁶ TSCHUMI, Bernard. *Architecture and disjunction*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1996. 268 p.

Era justamente através da transgressão que Lester, o personagem de Beleza Americana, buscava reacender a paixão de sua esposa. Fazendo amor na sala de estar, derramando cerveja no sofá de seda italiana de quatro mil dólares, ele talvez reencontrasse o prazer real que se extrai dos eventos, deixando de lado a existência impotente de meros objetos. O habitante no centro da ação, não mais se deixando subjugar pela ornamentação estéril imposta por especialistas. O espaço “desarrumado” é o cenário da vida real.

O tal quarto do jovem aviador só seria imaculado na sua ausência ou, aí sim, na sua morte. Talvez por isso não seja raro que, no caso da morte do filho, a mãe não arrume o quarto e simplesmente deixe-o para sempre como foi deixado por ele na última vez em que esteve lá. Ao entrar nesse quarto desarrumado, camisas de futebol jogadas sobre a cama, uma calça no chão, a toalha jogada sobre a cadeira, os livros abertos na mesa de maneira caótica, a mãe reconhece ali a “aura” desse filho. A unicidade daquele ambiente é irreproduzível. Tudo está impregnado pelos últimos gestos do filho em vida. Foi ele quem jogou as camisas na cama, a calça no chão, a toalha na cadeira e os livros na mesa. Agora, morto, ele não vai desarrumar mais nada.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. / HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO, Theodor. "Funcionalismo hoje". Tradução de "Funktionalismus heute", in: Ohne Leitbild. Parva Aesthetica. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1967, pp. 104-126.

ADORNO, Theodor. *Minima Moralia. Reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1992.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única, Obras escolhidas II*, SP, Ed. Brasiliense, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

FLUSSER, Vilém. *Pós-História*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

KAPP, Silke. Contra a integridade [online]. Disponível na Internet: <http://www.mdc.arq.br/mdc/txt/mdc02-txt02.pdf>

LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. 205p. (Coleção Estudos)

RAMOS, Conrado. *A dominação do corpo no mundo administrado*. São Paulo: Escuta: FAPESP, 2004. 231 p.

TSCHUMI, Bernard. *Architecture and disjunction*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1996. 268 p.

VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. "Acerca da definição de arquitetura em seus aspectos da produção e da recepção da obra" in *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v.8, dez 2001, p. 215-219.

FILMES

Beleza Americana (filme) - Direção: Sam Mendes - Produção: EUA - Ano:1999